



Primo Levi ou da narrativa como Ethos¹

Roberta Barni

RESUMO: Para as testemunhas do Holocausto a memória é uma questão mais que central. Sobressai-se, nos autores que viveram a Shoah em primeira pessoa, um “esquecimento impossível”. Em Primo Levi o empenho pela memória – própria e coletiva – assume uma dimensão moral. Quando este empenho civil pela memória desagua na literatura “clara” de Primo Levi, a memória se torna dever ético; ainda assim, nessas obras se instaura uma relação problemática entre a experiência e a narrativa. Esse artigo procura sondar não apenas a dimensão ética, mas também a dimensão literária das obras de testemunho de Levi.

PALAVRAS-CHAVE: Primo Levi, literatura de testemunho, memória e literatura, Shoah.

Ao pensarmos em “Poéticas da Violência” é inevitável falar de Primo Levi, que no que diz respeito à Shoah é um autor fundamental; chegou-se a afirmar que se houvesse um único testemunho sobre Auschwitz, este deveria ser aquele que Levi nos legou em seu livro *Se questo è un uomol É isto um homem?*

Nesse interrogativo primário Levi mostra, sistematicamente, que muito pouco daquilo que faz do homem um homem permanecia com os prisioneiros do campo de extermínio já logo depois da chegada, submetidos que eram a uma constante e programática aniquilação de suas essências humanas como parte de um programa mais amplo que visava a aniquilação total de um povo.

1. Ensaio originalmente escrito e apresentado em comunicação para o 1º Seminário de Literaturas Estrangeiras em Diálogo “Poéticas da violência: da bomba atômica ao 11 de setembro”, que teve lugar de 10 a 12 de abril de 2006 na FFLCH da USP, com o apoio das áreas de alemão, espanhol, francês, hebraico, inglês e italiano da FFLCH-USP e do GT-Literaturas Estrangeiras da ANPOLL.

Vamos traçar uma breve visão panorâmica sobre o autor:

Primo Levi nasceu em Turim, norte da Itália, no final de janeiro de 1919. Filho de uma família judia não-observante (os judeus já estão ali totalmente integrados, e por isso Levi se considerava simplesmente italiano). Frequentou o Liceu D'Azeglio (famoso pois daquela escola saíam os maiores expoentes do antifascismo piemontês), e naquela época amadureceu seu interesse pelas disciplinas científicas e sua tendência para o rigor da pesquisa. Tendência que, veremos, será peça fundamental em seu *modus pensandi* e em seu constituir-se escritor, pois resultará numa postura lucidamente crítica e indagadora para com qualquer realidade. Matricula-se em Química na Universidade de Turim. Em 1938 eclodem na Itália a campanha anti-racial e as decorrentes discriminações: só então Primo Levi se dá conta de que é judeu – e aos judeus não será mais permitido frequentar as escolas públicas. Os estudantes universitários já matriculados, no entanto, tiveram a permissão de prosseguir os estudos. Levi sente na pele o isolamento em que os judeus são forçados. Apesar disso consegue se formar, com distinção e louvor; em seu diploma, estará anotado “de raça judia”

Depois de formado, e até a ocupação alemã do norte da Itália, em 1943, Levi consegue trabalhar como químico na semiclandestinidade; entretantes começa a interessar-se pela atividade antifascista.

Em 8 de setembro, quando a Itália assina o armistício com as forças aliadas, Levi assiste ao ingresso das tropas alemãs em Milão: deixa o emprego, foge de Turim, e em breve se junta às forças da Resistência.

Em 13 de dezembro, Primo Levi é preso como suspeito: interrogado, decide, então, declarar sua “condição de cidadão italiano de raça judia”, pensando assim escapar da morte certa:

Como judeu fui enviado a Fossoli, perto de Módena, onde um vasto campo de extermínio, já destinado aos prisioneiros de guerra ingleses e americanos, ia recolhendo os que pertenciam às inúmeras categorias de pessoas não gratas ao recém-nascido governo fascista republicano.²

2. Levi, P. *Se questo è un uomo*. Torino: Einaudi, 1979, p. 19.

Em fevereiro de 44, o campo até então dirigido pelos italianos passa para as mãos dos alemães: 650 pessoas são enviadas para Auschwitz, entre elas, Primo Levi. Após uma primeira seleção, Levi, considerado apto para o trabalho, é enviado ao campo de Monowitz, no qual os prisioneiros eram utilizados como mão-de-obra escrava na fábrica de borracha chamada “Buna”

Levi está com 25 anos, e ficará preso no campo de extermínio quase um ano, até 27 de janeiro de 45, quando o front oriental alemão cai na mão da Armada Vermelha e as SS abandonam o Lager, arrastando com elas todos os prisioneiros em condições de andar; deixaram para trás 800 doentes, entre os quais estava Primo Levi que graças a isso, se salva (todos os que saíram marchando com os alemães morreram pelo caminho).

No meio daquela babel – como recorda Cases³ – Levi já se empenha – se sobreviver – a narrar tudo aquilo. Talvez justamente a ânsia de saber, a sede de conhecimento tenha representado sua verdadeira força de sobrevivência.

De volta a Turim, Levi sente a necessidade de escrever sua experiência no campo de concentração, e redige de uma só vez (ou ao menos assim quer que se acredite inicialmente) *É isto um homem?*, que se tornará um clássico da literatura de testemunho. Escritor por necessidade, portanto. E escritor por acaso. Primo Levi dirá mais tarde, numa entrevista: *Se não tivesse estado em Auschwitz, não teria sido escritor.*

Mas ele acabou se tornando escritor. Era químico e provavelmente teria continuado sendo apenas químico; irá descrever-se como um escritor noturno e de fim de semana, até os anos de 1970, quando, depois de se aposentar como químico, finalmente, assumirá sua condição de escritor em tempo integral, e boa parte de sua vida foi dedicada a seu empenho civil de testemunha da Shoah.

3. Cases, C. “Introduzione. L’ordine delle cose e l’ordine delle parole”. In: Levi, *Opere*, vol. I. Torino: Einaudi, 1997, p. XII.

Levi escreveu ao todo uns doze títulos, entre eles temos memórias, ficção (contos breves, principalmente), ensaios e poesias⁴. Em 11 de abril de 1987, há exatamente 39 anos, com um gesto que causará espanto e pesar entre intelectuais e leitores, Primo Levi dá fim à própria vida⁵.

Esse trabalho está centrado na *narrativa de testemunho*, que pertence ao que Levi denominava de discurso “em primeira pessoa”, e que Belpoliti⁶ chamará, seguindo a indicação do próprio Levi⁷, de o lado “claro” de sua obra. Afirma Levi:

(...) o discurso em primeira pessoa é, para mim, ao menos na intenção, um trabalho lúcido, consciente e diurno, descobri que a escolha das próprias raízes é, ao contrário, obra noturna, visceral e, em grande parte, inconsciente.

4. Bibliografia italiana di Primo Levi. Da Editora Einaudi, de Turim: *Se questo è un uomo* (1956 – primeira publicação, edições de Silva, 1947); *La tregua* (1963); *Storie naturali* (1966, primeira publicação com o pseudônimo de Damiano Malabaila); *Vizio di forma* (1971); *Lilit e altri racconti* (1971); *Il sistema periodico* (1975); *La chiave a stella* (1978); *La ricerca delle radici* (1981, antologia pessoal); *Se non ora quando?* (1982); *L'altrui mestiere* (1985); *I sommersi e i salvati* (1986); *L'ultimo natale di guerra* (2000, póstumo). De outras editoras: *Racconti e saggi*. Torino: La Stampa, 1986; *Livros de poesia: L'osteria di Brema*. Milano: Scheiwiller, 1975; *Ad ora incerta*. Milano: Garzanti, 1984.

Livros escritos por Primo Levi em colaboração com outros autores: Camon, F. *Conversazioni con Primo Levi*, Milano: Garzanti, 1987; Regge, T. e Levi, P. *Dialogo*. Torino: Einaudi 1884; Levi e Marché (*adaptação teatral*) *Se questo è un uomo*. Torino: Einaudi, 1966.

Bibliografia brasileira de Primo Levi.

- É isto um homem?* Trad. Luigi del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1988; *Os afogados e os sobreviventes*. Trad. Luiz Sergio Henriques. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989 (2ª. ed); *A Trégua*. Trad. Marco Lucchesi. São Paulo: Companhia das Letras, 1997; *Se não agora, quando?* Trad. Nilson Moulin São Paulo: Companhia das Letras, 1999; *O último Natal de guerra*. Trad. Maria do Rosário Toschi Aguiar. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2002; *71 contos de Primo Levi*. Trad. Mauricio Santana Dias. São Paulo: Companhia das Letras, 2005; *A tabela periódica*. Trad. Luiz Sergio Henriques. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
5. Apesar das inúmeras polêmicas que surgiram entre os que tendiam a crer na tese do acidente e os que pensavam tratar-se mais de suicídio, tudo leva a crer que se tratou da segunda hipótese.
6. Belpoliti, M. *Animali e Fantasmii*. In: *Opere*, vol. II, *op. cit.*, p. 136. Trad. bras. *Animais e fantasmas* (“Apresentação”) in Levi, P. *O último Natal de guerra*. Trad. Maria do Rosário Toschi Aguiar. São Paulo, Berlendis & Vertecchia, 2002.

A esse trabalho “diurno”, lúcido e consciente, portanto, pertencem desde o já mencionado *Se questo è un uomo* a *I sommersi e i salvati* / *Os afogados e os sobreviventes*. Do mesmo modo *Il sistema periodico* / *A tabela periódica* e *La chiave a stella* – livros que têm um forte cunho narrativo, mas com implicações autobiográficas. Quanto às poesias e aos contos, e o romance (*Se non ora quando?*) devem ser atribuídos à “obra noturna”, visceral, em boa parte inconsciente.

Breve história compositiva de *Se questo è un uomo*

O primeiro livro de Levi *É isto um homem?* foi assinalado por Franco Antonicelli à editora Einaudi, que o recusou, e foi publicado em 1947⁸ pela editora De Silva, de Turim. A edição teve uma boa recepção de crítica, mas vendeu pouco.

Somente em 1955, Levi tornará a propor a obra à Einaudi, que a publica em 1958. Para essa edição, o autor introduz ampliações, faz uma revisão gráfica cuidadosa. As intervenções mais importantes são: o acréscimo do III capítulo (*Iniziazione*), o preâmbulo do início, com a breve narração das vicissitudes de Levi antes da chegada ao campo de Fóssoli e algumas inserções que acentuam o número e a importância das alusões a Dante⁹, que permeiam toda a obra. O texto ganha um interesse crescente (nos mesmos anos será publicado em italiano o *Diário de Anne Frank*) e faz sucesso na Itália e no exterior, é reimpresso diversas vezes¹⁰.

7. São assim descritos por Levi, em seu *La ricerca delle radici*, apud Belpoliti, cit., p. 17.
8. Antes de *Se questo è un uomo*, Levi havia publicado, com Leonardo Debenedetti, um *Rapporto sulla organizzazione igienico-sanitaria del campo di concentramento per Ebrei di Monowitz (Auschwitz-Alta Salesia)* na revista *Minerva Medica* (XXXVII, 1946, pp. 535-44), reimpresso depois em Cavaglion, A. (org.) *Il ritorno dal Lager*, Milano: Franco Angeli, 1993.
9. Segre, C. “Se questo è un uomo di Primo Levi”, in: *Letteratura italiana* Einaudi, aponta o estudo de Tesio *Su alcune giunte e varianti di “Se questo è un uomo”* (1977).
10. Foi reimpresso em 1963, em 1971, em 1973 (para a “scuola media”, com uma apresentação e notas do autor, e na reimpressão de 1976 foi acrescentado um *Apêndice*, fundamental, hoje reproduzido no volume I das *Obras*); junto com *La Tregua* em 1972 e em 1989. Enfim, hoje abre o volume I de *Opere* de Primo Levi, de 1987.

Esse reconhecimento anima Levi, que em final de 1961 começa a escrever seu segundo livro, *La Tregua*, publicado em 1963 pela Einaudi. Esta obra tem sucesso imediato e será premiada. Mas esse livro está mais próximo do prazer da aventura do que da literatura de testemunho. Narra a verdadeira epopéia de sua volta do campo de extermínio até a Itália; aliás até seu apartamento em Turim, onde morará até sua morte.

Em *Os afogados e os sobreviventes* (1986), o autor parece ter concentrado alguns de seus questionamentos que, embora para muitos parecessem ter se dissipado ao longo do tempo, reaparecem com força total, mostrando que, na verdade, nunca o abandonaram. Aliás, essa divisão entre obras “claras” e “escuras”, na verdade, como toda divisão, não é tão estanque assim; de fato a última crítica, a começar pelo próprio Belpoliti, tende a apontar a continuidade do mesmo discurso em alguns de seus contos, e até, alegoricamente, em muitos de seus contos fantásticos:

É evidente que, ao contrário do que havia declarado a seus entrevistadores logo depois da publicação de *A trégua* (...) Levi não terminara sua partida com Auschwitz, que retorna após algum tempo em forma de sonho, pesadelo, como um revênant, um verdadeiro fantasma diurno; não um espectro que se mostra negro na claridade do dia, mas como uma aparição clara na brancura da vida diurna, quase invisível.¹¹

Primo Levi e a memória

Em sua obra *Lete, arte e crítica do esquecimento*, Harald Weinrich abre o capítulo IX – em que discorre sobre diversas narrativas do holocausto, e sobre autores como Levi, Semprún, Bellow e Bernhard – intitulando-o *Auschwitz e o esquecimento impossível*. Para Levi, no entanto, não esquecer é um dever, pois só recordando poderá testemunhar do horror, e só testemunhando e atestando a verdade do horror poderá evitar que se repita. O testemunho é confirmado em *Lete* como tema central da lite-

11. Belpoliti, M. *Animais e fantasmas* (Apresentação), *op. cit.*, p. 136.

ratura da Shoah. Para as testemunhas do Holocausto em geral, e para Levi também, a memória é uma questão mais que central. Como diz Weinrich, *Levi luta contra o esquecimento*. A memória, fugidia, deve ser gravada em palavras escritas (as palavras são pedras). Está tão atônito, incrédulo, diante do que ele viveu, que se propõe a lembrar tudo, desde o início, e, consciente do caráter inapreensível da memória, ele passa a “escrever” o livro em sua mente desde o campo.

Primo Levi dirá, em *I Sommersi e i Salvati*, “a mim cabia compreender, compreendê-los”; esse será o seu grande *leitmotiv*. Boa parte da tensão de Levi, portanto, será para tentar compreender o que aconteceu, porque só compreendendo, e recordando, poderemos evitar um novo holocausto.

Intitulei essa trabalho “Primo Levi ou da escrita como *ethos*” para que o paradigma da palavra grega pudesse ecoar a partir da escrita de Levi. Se pensarmos na palavra *ethos* assim como a usa também Aristóteles, vemos que *ethos* significa ética, conduta, caráter, mas também hábito, ou seja, está relacionada também com o hábito e o habitar, o modo de os homens se portarem na terra. Ora, para Levi, escrever do Lager, recordar, o empenho da memória – própria e coletiva – e seu empenho civil pela memória do holocausto, como as inúmeras palestras que sempre proferiu nas escolas, fazendo questão de manter a memória viva através do legado direto aos mais jovens, ou seus inúmeros artigos contestando os “revisionistas”, enfim, tudo isso assume uma dimensão que poderíamos chamar de moral.¹²

Como para os antigos gregos, para Levi o homem se torna justo por meio da conduta. O caminho para a virtude é o hábito da conduta virtuosa (e notemos

12. A relação entre os homens constitui “costume”, “hábito”; em latim *mos, moris*, e em grego *ethos*; estamos, portanto, no âmbito da moral, que trata das condições que norteiam conduta e relações entre os homens. Na linguagem comum, o termo ética é entendido quase sempre como sinônimo de moral (os dois étimos, em grego *ethos* e em latim *mos* querem dizer justamente a mesma coisa, isto é “hábito”, “comportamento”), e é assim que os tratamos aqui, mas para sermos exatos de Hegel em diante os dois termos passam a ter significados diferentes: moralidade indicando o aspecto subjetivo da conduta e ética indicando o conjunto de valores morais efetivamente realizados na história.

mais uma vez o nexu lingüístico grego entre *ethos* caráter e *ethos* hábito). Noutras palavras, nos tornamos justos acostumando-nos a cumprir as ações justas (corretas). A formação moral se atua por meio do hábito e acaba se consolidando numa espécie de "segunda natureza" do sujeito. E a segunda natureza (ou a primeira?) de Levi é a de escritor.

Ética é a ciência do bem e do mal, e poderíamos dizer que Levi, que conheceu o mal absoluto, optou pelo bem¹³, esperando poder, com sua conduta, evitar o novo mal. Sua escrita começa como liberação, mas como dever também. Dever ético, justamente. Nas palavras de Cases, Levi é "um dos últimos grandes intérpretes da confiança ocidental em poder debelar os monstros da irratío fitando-os, reconhecendo-os, apontando-os"

Poderíamos nos aventurar mais um pouco nessa vertente, pensando no significado originário da palavra filosofia, e vemos Levi como um legítimo filósofo, ou seja, portador da exigência de dar-se conta, de não aceitar passivamente nada, e de conhecer as condições que permitem os diversos tipos de saber; decerto naquela época a ciência não estava separada da filosofia; e, voltando a Levi, ele nunca abandonou seu espírito científico, sua abordagem ao mundo é de tipo científico.

Em Auschwitz, a sede de conhecimento de Levi, nota Cases, se tornará outra coisa, será a salvação do horror por meio de seu reconhecimento. Em *Os afogados e os sobreviventes*, Levi afirma que não tem índole vingativa. Mas cuidado, isso nada tem a ver com um suposto perdão. Levi não perdoará¹⁴: "Simplesmente – e isso se

13. Naturalmente não se tenciona aqui guardar qualquer correlação ingênua dos termos. O próprio autor, no capítulo *Al di qua del bene e del male*, de *Se questo é un uomo*, convida o leitor a meditar sobre a relatividade desses conceitos dentro do universo do campo de concentração e, acrescenta, a julgar "quanto del nostro comune mondo morale potesse sussistere al di qua del filo spinato". Uma vez do "lado de lá" do arame farpado, Levi, no entanto, opta pela luta ética e moral da memória, reassumindo, ou procurando reassumir, portanto, na "vida clara", sua opção pelo *ethos*.
14. "Soube, há alguns anos, que (...) Améry me definiu como "o perdoador". Não considero isso nem uma ofensa nem um elogio, e sim uma imprecisão. Não tenho tendências a perdoar, nunca perdoei nenhum de nossos inimigos da época, nem sinto animo de perdoar seus imitadores (...)", in *I sommersi e i salvati*, *op. cit.*, p. 110.

torna claro com suas próprias palavras “che altri facessero impiccare i responsabili [...] a me spettava capire, capirli”¹⁵ – deixará a outros a tarefa de “enforçar os responsáveis”; sua tarefa é compreender. E retratar o caos por meio da ordem. De um desafogo ainda incoerente “sem plano nem método” – prossegue Cases – graças ao encontro com a mulher que se tornará sua esposa, o livro passa a ser “uma construção lúcida, já não solitária: uma obra de químico que pesa e divide, mede e julga a partir de provas certas, e faz de tudo para responder aos porquês”¹⁶. Noutras palavras, o Levi químico empresta ao Levi escritor o rigor de sua ciência. Por isso, apesar de tratar-se de uma obra de testemunho, temos de tratar de *É isto um homem?*, apesar de todo compreensível pudor, em sua dimensão literária também.

A dimensão literária

A relação problemática entre a experiência e a narrativa é uma questão crucial para os testemunhos do holocausto. No mesmo capítulo em que trata de Levi, Weinrich recorda Jorge Semprún, que representa um caso emblematicamente oposto ao de Levi, quanto à questão da memória ou do esquecimento. Espanhol republicano “vermelho”, Semprún foi exilado na França, onde participou da Resistência e onde

(...) foi traído, preso, e no final de 43 foi levado para Buchenwald, onde em 11 de abril de 1945 foi libertado por tropas americanas. Jorge Semprun já em sua juventude fora um literato, um escritor. Assim, quando libertado não duvidou de que logo poderia pôr no papel suas memórias daqueles 18 meses de prisão no Lager. Dificuldades inesperadas de natureza psíquica opuseram-se ao plano. Só em 1994, 50 anos depois, apareceu seu livro sobre Buchenwald. Foi escrito em francês e tem o título de *L'écriture ou la vie*. Pelo seu conteúdo, o título do livro poderia ser “Lembrar ou esquecer” Pois meio século depois, Semprún teve de escolher entre deixar por escrito suas torturantes memórias e um esquecimento libertador, que lhe possibilitaria continuar vivendo sem problemas (*choisir entre l'écriture et la vie*).¹⁷

15. Levi, P., *I sommersi...*, *op. cit.*, p. 791.

16. Cases, C., *op. cit.*, p. XX [o texto entre aspas são palavras de Levi em *La tabella periodica*]

17. Weinrich, H. Lete. *Arte e crítica do esquecimento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, p. 264.

A opção de Levi foi oposta. Como acontece com muitas testemunhas, ele teve de lidar com a inverossimilhança que o “excesso de realidade” da experiência extrema do campo, ao ser narrada, causa(va?) no leitor/ouvinte, e conseqüentemente com o inevitável nó conceitual: como poder contar a Shoah, transmitir sua verdade, numa forma diferente daquela do puro testemunho?

Citando Semprún:

Não que a experiência vivida seja indizível. É, antes, invivível. Algo bem diferente, e é compreensível. É alguma coisa que não diz respeito à forma de uma narração possível, mas à sua essência. Nem tanto sua articulação quanto sua densidade. Somente os que souberem fazer de seu testemunho um objeto artístico, um espaço de criação, ou de recriação, conseguirão alcançar essa essência, essa densidade transparente. Somente o artifício de uma narrativa conduzida com habilidade conseguirá transmitir em parte a verdade do testemunho.¹⁸

Como destaca Innocenti¹⁹, essas são as palavras de uma testemunha, de alguém que vive o dilema entre a consciência de ter vivido uma experiência sem retorno – de um lado – e a necessidade premente de depositar a “recordação opressora para o indivíduo [...] no reservatório da memória coletiva”, de outro. Este parece ser, de fato, uma das questões cruciais de maior intensidade problemática em torno do qual, de modo mais ou menos consciente, todo o texto sobre o Lager se constrói.

O que está em jogo, para além da questão da memória, é a questão da veracidade. Como já notara aguda e dramaticamente Primo Levi em *Os afogados e os sobreviventes*:

Repito, não somos nós, os sobreviventes, as verdadeiras testemunhas (...). Nós, os sobreviventes, somos uma minoria anômala, além de exígua: somos os que, por sua prevaricação ou habilidade ou sorte, não tocaram o fundo. Quem o fez, quem viu a Górgona, não voltou para contar, ou voltou

18. Semprun, J. *La scrittura o la vita*. Parma: Guanda, 1996, p. 20, *apud* Innocenti, O. “L’ipertesto del Lager. Su alcuni racconti di Primo Levi”. In: *Bollettino* 900, 2005, n.1-2, disponível em <http://www3.unibo.it/boll900/numeri/2005-i/Innocenti.html>, consultado em abril de 2006. Grifo nosso.

19. Innocenti, O., *op. cit.*

mudo; mas são eles, os “muçulmanos”, os afogados, as testemunhas integrais, aqueles cuja deposição teria tido um significado geral.

(...) Nós, tocados pela sorte procuramos, com maior ou menor sabedoria, narrar não apenas nosso destino, mas também o dos outros, dos afogados, justamente; mas foi uma narração “por conta de outrem”, uma narração de coisas vistas de perto, não experimentadas sobre si. A demolição executada, a obra completa, ninguém a contou, assim como ninguém voltou para contar a própria morte.²⁰

Essa testemunha retorna ao mundo dos vivos como um privilegiado, até com o peso do senso de culpa do sobrevivente, e tenta dar um sentido, uma explicação para sua sobrevivência:

(...) O amigo religioso dissera-me que tinha sobrevivido para que desse testemunho. E eu fiz isso, da melhor forma que pude, nem poderia ter deixado de fazê-lo; e ainda faço, toda vez que aparece uma oportunidade para tanto; mas a idéia de que esse meu testemunhar possa ter resultado, sozinho, no privilégio de sobreviver, e de viver por muitos anos sem grandes problemas, me inquieta, porque não vejo proporção entre o privilégio e o resultado.²¹

Em suma, para fazer com que os outros tomem conhecimento da *Shoah*, para não deixar que o mundo esqueça, Levi tem de mediar a experiência, tem de recorrer ao artifício da escrita.

Assim Levi iniciará seu livro com um poema, um poema-praga, um poema-mandamento (e mais significativo ainda este poema sair da pena de um agnóstico, como ele próprio gostava de afirmar) cuja melodia é a da reza. A poesia inicial em *Se questo è un uomo* é publicada sem título, mas na verdade se chama *Shemá*, e podemos afirmar que foi escrita durante a redação de *É isto um homem*.²² *Shemá*

20. Levi, P., *I sommersi...*, *op. cit.*, pp. 64-65.

21. *Ib.*, p. 64.

22. A mesma poesia será publicada mais tarde com este título no volume de poesias *L'osteria di Brema* (1975) e é datada de 10 de janeiro de 1946; *Se questo è un uomo* leva as datas: dezembro de 1945 - janeiro de 1947.

é a oração fundamental dos judeus²³, uma espécie de profissão de fé; começa com as palavras “Ouça Israel, O senhor Deus nosso é um” e termina com a exortação a não esquecer, a transmitir para os filhos, essa noção básica. Na poesia de Levi não há profissão de fé; mas o poema se desenvolve em tom de exortação, e os versos 16-19 são a tradução fiel do texto hebraico “estas palavras, esculpi-as no vosso coração/estando em casa, andando pela rua/ao deitar-vos, ao levantar-vos” A poesia

23. Shemá

[Ascolta]

Voi che vivete sicuri
Nelle vostre tiepide case
Voi che trovate tornando a sera
Il cibo caldo e visi amici:

Considerate se questo è un uomo,
Che lavora nel fango
Che non conosce pace
Che lotta per mezzo pane
Che muore per un sì o per un no.
Considerate se questa è una donna,
Senza capelli e senza nome
Senza più forza di ricordare
Vuoti gli occhi e freddo il grembo
Come una rana d'inverno.

Meditate che questo è stato:
Vi comando queste parole.
Scolpitele nel vostro cuore
Stando in casa andando per via,
Coricandovi alzandovi:
Ripetetele ai vostri figli.

O vi si sfaccia la casa,
La malattia vi impedisca,
I vostri nati torcano il viso da voi.

Shemá

Vós que viveis seguros
Nas vossas cálidas casas
Vós que regressando à noite encontras
Comida quente e rostos amigos:

Considerai se isto é um homem
Quem trabalha na lama
Quem não conhece paz
Quem luta por um pedaço de pão
Quem morre por um sim ou por um não
Considerai se isto é uma mulher,
Sem cabelos e sem nome
Sem mais força para lembrar,
Vazios os olhos e frio o regaço
Como um sapo no inverno.

Meditai que isto aconteceu:
mando-vos estas palavras,
Esculpi-as no vosso coração.
Estando em casa andando pela rua,
Ao deitar-vos e ao levantar-vos;
Repeti-as aos vossos filhos.

Ou então que desmorone a vossa casa
Que a doença vos entreve,
Que os vossos filhos vos virem a cara.

se encerra com uma espécie de maldição para os que não obedecerem. Ao que? À obrigação da memória.

A brandura como arma

Talvez esse poema represente o único momento em que se nota um Levi (dentro do universo de sua literatura de testemunho) abandonando seu tom habitual, falando mais alto e mais firme, deixando para trás aquele tom descrito por Ferdinando Camon em prefácio a seu livro de entrevistas com o autor:

(...) Levi chegou, pequeno, branco, gentil (...)Tinha cabelos e barba brancos, mais a barba que os cabelos. Tinha um olhar quase irônico e um sorriso quase brincalhão. Uma mente muito ordenada, com recordações detalhadas, minuciosas. A certa altura apanhou a folha com as perguntas e no verso desenhou o esboço de Auschwitz: com o Lager central, os lagers descentralizados, as cifras dos prisioneiros. Falava em voz baixa, sem sobressaltos, sem ímpetos: portanto, sem rancor.

Perguntei-me muitas vezes sobre o porquê daquela brandura, daquela doçura. A única resposta que ainda hoje me ocorre é a seguinte: Levi não gritava, não insultava, não acusava, porque não queria gritar: queria muito mais: queria fazer gritar. Abria mão da própria reação em troca da reação de nós todos. Pensava em longo prazo. Sua brandura, sua doçura, seu sorriso – que tinha um quê de tímido, quase infantil – eram, na realidade, suas armas.²⁴

Estilo

Em *É isto um homem?* – e além, pois se revelou característica peculiar de sua produção literária – Primo Levi se vale de um estilo enxuto, sucinto, preciso. Levi considera a clareza, a possibilidade de ser compreendido pelo interlocutor, um aspecto fundamental da escrita.

Em seu texto “Dello scrivere oscuro”, contido no livro *L'altrui mestiere*, Primo Levi rechaça a “linguagem do coração”, e não o faz em nome de uma estética qual-

24. Camon, F. *Conversazione con Primo Levi*. Parma: Guanda, 1997, p. 9.

quer, mas porque cada qual tem a sua e portanto “os que escrevem na linguagem do coração podem tornar-se indecifráveis”, ao passo que “a escritura serve para comunicar” e “quem não é compreendido por ninguém não transmite nada, grita no deserto”. Anota, ainda, Cases:

Isso serve, sobretudo, a fazer com que compreendamos a origem e a natureza da escritura de Levi: começou a escrever para esclarecer a si próprio e aos outros uma experiência insuportável e continuou com essa convicção em que o cientista se identifica com o escritor.²⁵

Quando chega ao *Lager*, como dissemos, ele não é enviado para as câmeras de gás porque é uma “peça” que pode ser utilizada como mão de obra escrava. Levi, com a singeleza de seu estilo, classifica isso como uma sorte. Assim como afirma:

*Por minha sorte, fui deportado para Auschwitz só em 1944, depois que o governo alemão, em vista da crescente escassez de mão de obra, resolveu prolongar a vida média dos prisioneiros a serem eliminados (...).*²⁶

Pensem nessa frase: “Por minha sorte fui deportado para Auschwitz (...)”, um oximoro, ou uma *engenhosa aliança de palavras contraditórias* (ser deportado para o campo de concentração como *sorte!*), figura de linguagem que aqui sinaliza aquele engenho e cuidado compositivo de Levi, que faz com que nos aproximemos passo após passo do absurdo, da inverossimilhança da situação de vida no Lager por meio do artifício aparentemente absurdo, paradoxal, das palavras. Mas não é o único recurso linguístico-estilístico de que Levi lança mão para tornar sua prosa ainda mais contundente, se é que isso é possível. Poderíamos, por exemplo, mencionar a constante alternância dos tempos verbais na narrativa de *Se questo è un uomo*, do passado ao presente; na presentificação desponta a dramatização, a representação verbal do constante retorno do “trauma”, evidenciando assim um passado que, na verdade, nunca se transforma realmente em “passado”

25. Cases, C., *op. cit.*, p. XI.

26. Levi, P., *Se questo...*, *op. cit.*, p. 13.

A viagem não *levou* mais de vinte minutos. O caminhão *parou*: via-se um grande portão e, em cima do portão, uma frase bem iluminada (cuja lembrança ainda hoje me atormenta nos sonhos): ARBEIT MACHT FREI – o trabalho liberta.

Descemos, fazem-nos entrar numa sala ampla, nua e fracamente aquecida. Que sede! O leve zumbido da água nos canos da calefação *nos enlouquece: faz quatro dias* que não bebemos nada, há uma torneira e, acima, um cartaz: proibido beber, água poluída. Besteira: é óbvio que o aviso é um deboche. “Eles” *sabem* que *estamos* morrendo de sede, botam-nos numa sala, há uma torneira e Wassertrinken verboten. Bebo, e convido os companheiros a beber também, mas logo cuspo fora a água: está morna, adocicada, com cheiro de pântano.²⁷

O fato de se basear em fatos reais... nada tolhe da literatura

Em sua *Introdução às Obras completas* de Levi, Daniele del Giudice observa:

(...) o fato de, na maioria das vezes <suas narrativas>²⁸ serem suscitadas por experiências de vida, e o empenho ético que tende à verdade como resultado, nada tolgem do caráter de invenção, de “representação”, de sua narrativa; requerem, nos fatos, não menos *phantásia*, não menos criação e construção do que a narração de um sonho e talvez constituam um vínculo a mais que Levi se impõe²⁹.

O sonho, ou melhor, o pesadelo constante no campo de extermínio, compartilhado por diversos prisioneiros, era que ninguém acreditasse no que eles estavam vivendo quando contassem. E Levi precisava contrastar esse pesadelo. A testemunha teme que as palavras de seu carrasco possam se tornar profecia:

(...) os militares das SS divertiam-se a advertir cinicamente os prisioneiros: “Seja lá como for que essa guerra termine, a guerra contra vocês nós já a vencemos; nenhum de vocês sobrar para testemunhar, mas mesmo que algum de vocês conseguisse escapar, o mundo não acreditará [...] E mesmo que alguma prova permanecesse, e algum de vocês sobrevivesse, as pessoas dirão que os fatos que vocês contam são demasiado monstruosos para serem dignos de crédito”.

27. *Ib.*, p. 30, grifo nosso.

28. As palavras assinaladas dentro desses colchetes indicam um aposto nosso.

29. Del Giudice, D., “Introduzione”. In: Levi, P., *Opere, op. cit.*, p. XIII.

Conclui Levi:

Curiosamente, esse mesmo pensamento (“mesmo que contássemos, ninguém acreditará”) se manifestava, em forma de sonho noturno, proveniente do desespero dos prisioneiros.³⁰

é imperativo conseguir sobreviver, e, se lograr sobreviver, contar o que passou. Ainda com Del Giudice:

Impõem-se <à testemunha da Shoah> duas tarefas interligadas: primária a de ‘querer sobreviver’ consecutiva o narrar. Será testemunha, isto é, narrador, como sobrevivente; só poderá dar seu testemunho, realizar sua narração, se lograr sobreviver àquilo que depois terá de contar.³¹

O velho marinheiro

Levi encontrará uma referência – literária – para sua condição precária e incômoda do narrador como sobrevivente – ou do sobrevivente como narrador – no *Ancient Mariner*, o velho marinheiro da Balada de Coleridge, o velho marinheiro que não encontra paz enquanto não narra sua história. O velho marinheiro se tornará uma figura-emblema recorrente em diversos momentos de sua obra. Em epígrafe ao último livro de testemunho, *I sommersi e i salvati*, Levi colocará os seguintes versos:

Since then, at an uncertain hour,
That agony returns:
And till my ghastly tale is told
This heart within me burns.³²

30. Levi, P., *I sommersi...*, *op. cit.*, p. 3.

31. Del Giudice, D., *op. cit.*, p. XV.

32. [S.T. Coleridge, *The Rime of the Ancient Mariner*, vv. 582-85] Sempre aquela agonia/E sempre em hora incerta / Retorna desde então; E enquanto a minha história tétrica não conto / queima-me o coração. [Trad. Paulo Vizioli, São Paulo, Nova Alexandria, 1995]

E essa “uncertain hour” será também o título que Levi escolherá (*Ad ora incerta/ Em hora incerta*), para a publicação em livro da coletânea de suas poesias.

A dimensão literária, quase negada em sua primeira obra, na verdade está presente desde o início. Sobre isso, há outro fato emblemático. O próprio Levi, em 1947, escreve em seu prefácio a *Se questo è un uomo* que a obra tinha sido escrita de uma vez só, para satisfazer um “impulso imediato e violento”, tão imediato e violento que chegava a “competir com outras necessidades primárias”, e que era constituído pela vontade de contar “aos outros”, de tornar “os outros” partícipes. Em 1985 no entanto, em entrevista a Germane Greer, Levi dirá:

Durante esses 40 anos construí uma espécie de lenda ao redor desta obra, afirmando que a escrevi sem nenhum planejamento, de uma só vez, sem meditar sobre ela. As outras pessoas com quem falei deste livro aceitaram a lenda. Na realidade, a escrita nunca é espontânea. *Agora que penso nisso, compreendo que esse livro está repleto de literatura, literatura que absorvi através da pele mesmo quando a recusava e a desdenhava.*³³

Podemos dizer, então, que a experiência do campo de extermínio marca indelevelmente não só a vida de Levi, mas a sua escrita. De um momento inicial em que o escritor a descreve como pura “terapia”, Levi chega a compreender que é escritor em todos os sentidos. Sua escrita tem uma tarefa ética, a de ser a memória do horror. E ele usa, como bom escritor que é, e legitimamente, de todo meio retórico e dialético para dizer, deste modo, a seu leitor:

Muitos, pessoas ou povos, podem chegar a pensar, conscientemente ou não, que “todo estrangeiro é inimigo”. Em geral, essa convicção jaz no fundo das almas como uma infecção latente; só se manifesta em ações esporádicas e não coordenadas; não está na origem de um sistema de pensamento. Mas quando isso acontece, quando o dogma não enunciado se torna a premissa maior de um silogismo, então, como último elo da corrente, há o Campo de Extermínio. Este é o produto de uma concepção de

33. Levi, P., *Conversazioni e interviste 1963-1987*. Torino: Einaudi, 1997, p. 66, grifo nosso.

mundo levada às suas últimas conseqüências com uma lógica rigorosa. Enquanto a concepção subsistir, suas conseqüências nos ameaçam. A história dos campos de extermínio deveria ser compreendida por todos como um sinistro sinal de perigo.³⁴

ABSTRACT: Per i testimoni dell'olocausto la memoria è una questione centrale. Si rileva, negli autori che hanno vissuto in prima persona la shoah, un "dimenticare impossibile". In Primo Levi l'impegno della memoria – propria e collettiva – assume una dimensione morale. Quando tale impegno civile della memoria sfocia nella "chiara" letteratura di Primo Levi, la memoria diventa dovere etico; anche così, in queste opere si instaura un rapporto problematico fra l'esperienza e la narrativa. In questo articolo si cerca di sondare non solo la dimensione etica, ma anche la dimensione letteraria delle opere di testimonianza di Levi.

PAROLE CHIAVE: Primo Levi, letteratura di testimonianza, memoria e letteratura, shoah.

34. Levi, P., "Prefazione", 1947. In: *Se questo è un uomo*, op. cit., p. 13.